

# Identidade do morador de rua<sup>1</sup>: uma construção a partir do olhar do outro. Percepções de usuários atendidos pelo centro de referência para população de rua

## Street resident identity: a construction from the look of the other. Perceptions of users served by the reference center for street population

Laurita Vilma Spricigo\*

**Resumo:** Algumas representações sociais podem ser comparadas a crenças e mitos da sociedade, compreendendo conceitos, interpretações e suposições construídas historicamente e difundidas por meio das relações sociais do dia a dia. Tais representações influenciam a organização social e, conseqüentemente, suas relações, além de propagar o conhecimento e interferir na construção de identidade dos sujeitos. Assim, este estudo explorou a relação das representações sociais pejorativas que tipificam os moradores de rua e os processos de construção de suas identidades. Apresenta, ainda, a concepção histórica do morador de rua, um sujeito presente em todas as sociedades, mas que com a inserção do sistema capitalista de produção, passa a ser mais visível e compreendida como um “problema social”. Neste trabalho, foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa, através do trabalho de campo, com aplicação de uma entrevista semiestruturada a sujeitos atendidos pelo Centro de Referência Especializado para População de Rua - Centro POP da cidade de Lages - SC. Para análise e interpretação dos dados obtidos, adotou-se categorização e análise de discurso. Concluiu-se que as representações sociais são fortemente absorvidas pelos próprios sujeitos em situação de rua, interferindo diretamente em sua identidade, bem como interferindo na forma com que se relacionam na sociedade.

**Palavras-chave:** Morador de rua. Representação social. Capitalismo. Construção de identidade.

---

\* Pós graduada em Neuropsicopedagogia pela Uniasselvi (2017) e Psicóloga pelo Centro Universitário Unifacvest (2016). E-mail: lauritaspricigo.psi@gmail.com.

<sup>1</sup> A partir da criação da Política Nacional para População em Situação de Rua em 2009, o termo “Morador de Rua” vem sendo substituído por “População em Situação de Rua” por entender que a “situação de rua” pode ser uma condição transitória na trajetória de vida dessas pessoas. Porém, neste estudo decidiu-se adotar a terminologia antiga por se tratar da forma como as pessoas que não têm relação ou conhecimento sobre essa Política Nacional se referem a esses sujeitos.



This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY

**Abstract:** This study explored the relationship of pejorative social representations that typify the homeless and identity construction processes thereof. Social representations that these can be compared to beliefs and myths of society, understand concepts, interpretations and assumptions historically constructed and disseminated through the social relations of the day-to-day. Such representations influence the social organization and relations, as well as spreading knowledge and interfere in the construction of identity of the subjects. also presents itself in this project the historical design of the homeless, being a subject present in all societies, but with the insertion of the capitalist system of production becomes more visible and understood as a social problem. We opted for a qualitative research methodology, through fieldwork, with the application of a semi-structured interview to subjects served by the Reference Center for Street Population - POP Center in the city of Lages-SC. For analysis and interpretation of the data obtained, categorization and discourse analysis were adopted. It was concluded with this study that social representations are strongly absorbed by the subjects themselves on the street, directly interfering in their identity as well as interfering in the way they relate in society.

**Keywords:** Street dweller. Social representation. Capitalism. Construction of identity.

Recebido em 15/06/2019. Aceito em 05/03/2021

## Introdução

Este estudo explorou a relação das representações sociais direcionadas aos moradores de rua – que, na maioria das vezes, são de cunho pejorativo – e a organização social em que essas representações são contextualizadas e possibilitadas. Também foram alvo de investigação os processos de construção de identidade desses sujeitos.

Historicamente, a situação de rua sempre esteve presente, da idade antiga à contemporânea, resultante de diversos acontecimentos, tais como os econômicos, políticos e sociais. Essa população está ligada à questão do surgimento e do crescimento das cidades, assim como ao surgimento do capitalismo e à expansão das desigualdades sociais (PEREIRA, 2009). Ainda segundo esse autor, a origem da figura do morador de rua como é concebida atualmente, deu-se a partir de um amplo processo histórico e social que acabou por determinar sua condição de existência. Tal situação foi agravada pela adequação da sociedade frente ao sistema capitalista, isto é, pela transformação do modo de produção, de consumo e de papel social.

A relação social fundamentada na divisão do trabalho e na sociedade de classes possibilita a apropriação da produção pela classe burguesa, enquanto a classe trabalhadora recebe um valor abaixo do produzido. Assim, a desigualdade é consolidada por meio do capitalismo, no qual as formas de ampliação de capital separam-se de sua eliminação da disparidade, ao passo que as causas da pobreza se mantêm e se solidificam através da reprodução de capital e subjulgamento das necessidades humanas, o que repercute na questão social (FIGUEREDO, 2013).

Desse modo, as representações sociais dão condições de compreender a situação do morador de rua. Uma delas afirma que esses sujeitos são sujos, fedorentos, bêbados, vagabundos, sujeitos ao abuso de drogas, doentes e criminosos ou, ainda, como “coitadinhos”, “pessoas sem sorte”. (MATTOS & FERREIRA, 2004; ALMEIDA, 2011). Para Moscovici (1981, *apud* ALMEIDA, 2011), as representações referem-se a um conjunto de conceitos, interpretações e suposições criadas e disseminadas no dia a dia através das relações interpessoais, e podem ser comparadas com mitos e crenças da sociedade e com o senso comum. As representações sociais organizam as relações, a comunicação e a organização social, influenciam a propagação e assimilação de conhecimentos, além de interferir na construção da identidade do indivíduo (MATTOS & FERREIRA, 2004).

Esta, por sua vez, pode ser discutida partindo-se do prisma de que é fruto da relação do que é próprio ao sujeito e de suas relações sociais. Dessa forma, a identidade diz respeito a um conjunto de características – físicas, morais, sociais, culturais – que permitem ao sujeito definir-se, situar-se e reconhecer-se, ou seja, um conjunto de representações de si que, por conseguinte, também influencia nas relações sociais. (TAP, 1979 *apud* SANTOS, 2000).

Frente aos contextos de sociedade atual, à representação social do morador de rua e, ainda, aos conceitos já conhecidos no que diz respeito à construção de identidade, pretendeu-se, com o estudo, compreender as relações entre tais conceitos. Logo, seu objetivo foi o de reconhecer como as representações sociais direcionadas ao morador de rua interferem na construção de sua identidade. Para tanto, identificou-se, na literatura, quais representações são direcionadas a esses indivíduos, bem como se interferem na forma como se identificam e se relacionam com a sociedade. Investigou-se, ainda, como essas categorias são percebidas e interiorizadas por esses sujeitos.

A relevância de tal pesquisa está no fato de compreender como a identidade desses sujeitos é constituída, pois é essencial para que sejam desenvolvidas políticas públicas eficazes voltadas a esses indivíduos. Faz-se “[...] necessário o reconhecimento da heterogeneidade dessa população e, como consequência, a elaboração de estratégias diversas que contemplem as particularidades desses sujeitos para possibilitar a superação dos processos de rualização<sup>2</sup>, evitando abordagens massificadas [...]” (PRATES, 2011, p.211).

## Metodologia

A pesquisa qualitativa recai sobre o conhecimento de uma verdade complexa: a subjetividade. Isso porque seus elementos implicam em diferentes processos constitutivos do todo ao mesmo que se alteram frente ao contexto em que se apresenta o sujeito concreto. Essa abordagem relacionada ao estudo da subjetividade não busca a descrição e controle, mas a elucidação e o conhecimento dos complexos processos que a constituem. (GONZÁLEZ REY, 2005). É uma forma de pesquisa fundamentada na questão da correlação de dados interpessoais e na participação dos acontecimentos do informante, que são analisados a partir da significação que dão aos seus atos.

A pesquisa de campo foi utilizada neste estudo porque, segundo Minayo (2012), permite ao pesquisador a aproximação da realidade sobre a qual está pesquisando. Possibilita, ainda, estabelecer uma interação com a população que vivencia tal realidade e, assim, construir um conhecimento empírico significativo para quem conduz pesquisa social. Nessa modalidade, busca-se o

---

<sup>2</sup> Segundo PRATES (2011, p. 194) o termo “processo de Rualização” é empregado a partir da concepção de que o habitar a rua é visto não como um estado, mas reconhecido como um processo social, condição que vai se conformando a partir de múltiplos condicionantes, num “continuum”.

aprofundamento da questão estudada, exigindo maior flexibilidade do pesquisador e permitindo, ainda, que reformule os objetivos do estudo ao longo do processo de pesquisa. (GIL, 1999).

Esta pesquisa foi realizada nas dependências do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP), localizado na Cidade de Lages - SC. O Centro POP está previsto no Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009 (BRASIL, 2009) e na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009), constitui-se em uma unidade de referência da Proteção Social Especial de Média Complexidade, de natureza pública e estatal, e se destina especificamente ao atendimento especializado à população em situação de rua.

O serviço ofertado pelo Centro POP tem como finalidade assegurar o acompanhamento das pessoas que utilizam as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência através de atividades que buscam o resgate, o fortalecimento ou a construção de vínculos interpessoais ou familiares, tendo como objetivo a construção de um processo gradativo de saída da situação de rua (BRASIL, 2011).

Os participantes desta pesquisa eram sujeitos que residiam no Centro de Referência Centro POP da cidade de Lages- SC, por meio do serviço de Acolhimento para Pessoas em Situação de Rua (Acolhimento POP Rua), ou que estivessem participando do Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua - Centro Pop Dia, do mesmo órgão, no período de realização da pesquisa.

Para tanto, realizou-se contato com a instituição para agendamento dos encontros e indicação dos sujeitos pela equipe técnica, que escolheu a amostra utilizando critérios como o fato de o sujeito ser morador de rua e estar frequentando o Centro Pop nos dias da entrevista. A partir disso, foram indicados cinco sujeitos do sexo masculino para participação da pesquisa.

Sobre a entrevista, Gil (1999, p. 117) afirma que ela é

a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessem a investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra apresenta como fonte de informação.

A entrevista semiestruturada permite ao entrevistador explorar amplamente uma questão, tendo a liberdade de desenvolver cada situação na direção que considere mais adequada (Michel, 2005). Para Queiroz (1988, apud DUARTE, 2002), esse tipo de entrevista é uma técnica de coleta de dados que concebe um diálogo continuado entre informante e pesquisador e que deve ser dirigido por este buscando seus objetivos. Assim, interessa ao informante apenas aquilo que compreende diretamente o domínio da pesquisa.

Diante disso, optou-se pela entrevista semiestruturada com a seguinte pauta de temas: dados pessoais, problemas enfrentados no dia a dia, que tivesse sofrido preconceito ou não, como se definia, perspectiva de futuro e maior desejo para si. A entrevista foi realizada nas dependências da instituição, em uma sala de três metros de largura por seis metros de comprimento (18m<sup>2</sup>), contendo uma mesa e duas cadeiras colocadas frente a frente.

Em todos os momentos foi garantido o anonimato e a privacidade das informações, considerando os princípios éticos que envolvem a pesquisa com seres humanos, estabelecidos pela Resolução 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996). Os participantes foram comunicados – antes da aplicação da entrevista – sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa. A aceitação em participar foi confirmada mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Em acordo com tais princípios de privacidade

e anonimato, os sujeitos entrevistados serão identificados a partir de nomes fictícios: Pedro, 68 anos, Anderson, 39 anos, João, 38 anos, Leandro, 28 anos e Roberto, 23 anos.

Na organização dos dados, a entrevista foi transcrita literalmente, respeitando-se as pausas nas falas dos entrevistados. Foram empregadas categorias pré-determinadas, escolhidas a partir das representações sociais direcionadas aos moradores de rua discutidas pelos autores Almeida (2011), Gomes Filho (2012), Martins (2006) e Mattos & Ferreira (2004). A partir dessas primeiras categorias, organizou-se as informações colhidas nas entrevistas e verificou-se quais delas apresentam-se no discurso do morador e rua.

Faz-se necessário pontuar que a categoria “O louco”, pré-determinada nessa fase, não constará neste artigo visto não ter sido apresentada no resultado deste estudo. O fato de a amostra ter sido escolhida pela equipe técnica da instituição pode ter interferido para que essa categoria não seja contemplada nos resultados.

Na interpretação dos dados obtidos, adotou-se o método de Análise de Discurso. Segundo Caregnato e Mutti (2006, p. 680), “o processo de análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação”. A análise do discurso busca compreender a linguagem como trabalho simbólico, que constitui o homem e sua história. Assim, a linguagem não é concebida como algo intangível, mas como disposto no mundo, com diversos modos de significar, considerando a produção de sentido como pertencente ao sujeito como tal ou parte de uma sociedade (ORLANDI, 2009).

## Resultados e discussão

O discurso não é simplesmente a transmissão de informação, mas a construção de sentidos e significados entre emissor e receptor, fruto do sujeito no funcionamento social, da situação e do contexto histórico-social em que é produzido. Assim, tudo aquilo que é dito, se é dito por alguém num determinado contexto da sociedade para outro alguém, sendo isso determinante da significação. (ORLANDI, 2003 apud GOMES, 2012).

Faz-se necessária a análise de discurso para compreender como as representações sociais são introjetadas pelos sujeitos desta pesquisa, pois, como destaca Gomes (2012, p.7):

Os moradores de rua, quando dizem o que dizem através das imagens ou das palavras, o fazem por obediência a uma formação discursiva de cunho ideológico que legitima esta prática social e discursiva, pois o discurso é resultado de outros discursos inscritos na memória (interdiscurso) na qual o indivíduo não tem consciência (esquecimento ideológico).

O quadro a seguir apresenta informações a respeito dos participantes desta pesquisa:

**Quadro 1-** Identificação dos participantes

Nome	Idade	Tempo que está em situação de rua	Serviço de acolhimento ou Serviço Centro Pop dia
Anderson	39	6 anos	Centro Pop Dia
João	38	25 anos	Centro Pop Dia
Leandro	28	1 ano e 6 meses	Centro Pop Dia
Pedro	68	15 anos	Acolhido
Roberto	23	12 anos	Acolhido

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora – 2016

## O vagabundo

“A tua cabeça na rua... A hoje eu não vou tomar, daqui a um pouquinho já encontro algum ou outro vagabundo morador de rua que também tá na mesma situação que você e já começam a conversar e já começam a beber e aí já...” (entrevistado Anderson).

Segundo Di Flora (1987, apud MATTOS & FERREIRA, 2004), a população de rua é estigmatizada como vagabunda devido ao modo capitalista de produção e suas contradições, já que nesse sistema o modo de produção é social e a apropriação de rendimento, individual, a classe dos trabalhadores acaba vivendo a exploração e a desigualdade frutos desse modo de produção.

A organização social resultante do sistema capitalista abrange tanto situações econômicas como outras instituições. Agrega o trabalho como única fonte de valor; transforma os homens que não possuem meios de produção, os trabalhadores, em mercadorias vivas, caso contrário, são excluídos da sociedade e considerados “pesos mortos”. Assim o capital passa a ter valor supremo e as pessoas, a ter um preço, perdendo sua dignidade intrínseca (COMPARATO, 2011).

“O problema que eu enfrento assim é falta de ocupação por que isso aí é o... Eu tendo a falta de ocupação aí eu vou me alcoolizar eu vou me drogar... Assim fico fazendo coisas que eu não devia fazer se eu tivesse trabalhando eu acho que não.” (entrevistado Anderson).

A falta de trabalho é constantemente atrelada à representação morador de rua, que é visto, na maioria das vezes, como aquele que não tem ocupação. Entretanto, muitos trabalham, apesar de não possuírem um trabalho formal (ALMEIDA, 2011). Como Mattos & Ferreira (2004) destacam, o emprego formal e o registro em carteira de trabalho são considerados como legitimadores da identidade de trabalhador, assim, sem tais referências, os moradores de rua, apesar de possuírem ocupações informais, são identificadas como improdutivas, inúteis, preguiçosas e vagabundas.

“Eu já fui uma pessoa decente. Hoje eu me vejo uma pessoa indecente... ah assim pela visão dos outros daí o cara fica se sentindo indecente porque eu me sinto indecente porque eu não pego um trabalho não permaneço nesse trabalho ou porque eu não escolho uma profissão que eu realmente vou gostar porque eu já passei por várias profissões nenhuma eu me encontrei... nenhuma eu me encontrei...” (Entrevistado Anderson).

Podemos compreender tal discurso por meio do mecanismo de culpabilização, sendo legitimado pelas relações de exploração e dominação do sistema capitalista. Mattos & Ferreira (2009, p. 49) contextualizam tal mecanismo do seguinte modo:

Frente à “pseudo” igualdade e à competitividade inerente ao ideal liberal, qualquer problemática que envolva a inserção do indivíduo no sistema produtivo é alvo de um reducionismo que o descontextualiza da sociedade e transfere-lhe a culpa e responsabilidade por sua condição.

Tal “culpabilização” é fruto de um pensamento coletivo em que as causas da falta de trabalho são consideradas como individuais. A pessoa sem emprego formal é rotulada como “anormal ou desviante”, ou seja, a vítima é a culpada pela ausência de trabalho. Dessa relação provém a tipificação do morador de rua como sujeito que não quer trabalhar e outras representações

pejorativas dadas pela sociedade, já citadas anteriormente, e, inclusive, pelos próprios moradores de rua (DI FLORA, 1987, apud MATTOS & FERREIRA, 2004).

### **O criminoso**

“Morador de rua é assim tem muita... Nossa muito discriminado... Mesmo que seja um morador de rua/ já digo tem muitos mais da metade dos moradores de rua que conheço roubam, fazem baderna... Ah! não são decentes já estão na rua porque ninguém mais suporta eles mesmo nem uma pensão aluga um quarto pra eles mesmo que tenham dinheiro não alugam que sabe que eles vão causar problema.” (entrevistado Anderson).

Almeida (2011) salienta que a mídia fortalece a tipificação do morador de rua como bêbado e criminoso. Através das matérias que disponibiliza, a representação do morador de rua é atrelada à marginalidade, como praticantes de atos criminosos como brigas, assassinatos e vandalismo. Quando vítimas, o fato torna-se responsabilidade do morador de rua, o que acaba por negar sua imagem.

“É bem complicado... Ninguém conversa tem medo e por assim vai normal como... Quando você passa por uma pessoa assim, morador de rua você não fica meia... Meia assim... Meia assim assustada?” (entrevistado Leandro).

“O preconceito né... O jeito que os outros olham por causa da roupa... Principalmente as mulheres olham torto escondem a bolsa.” (entrevistado João).

O medo frente à figura do morador de rua pode estar relacionado ao estigma existente de que esse sujeito é um criminoso em potencial, que pode roubar, assaltar ou violentar qualquer pessoa que o encontre. Trata-se da vinculação de forma ampla da pobreza com a violência e a delinquência, o que faz com que a sociedade em si compreenda o morador de rua como ameaçador e um criminoso em potencial (MATTOS E FERREIRA, 2004).

“Chegar bater nas casas pedir: Oh, dona, a senhora podia me dar comida? Falavam: Ah, você é um negão muito forte! Vai achar trabalho, seu vadio. Aí aquilo vai te estressando... aí você começa a criar maldade. Pedi eu pedi pra mim não mexer nas coisas dos outros, mas, já que eles me judiam, me maltratam, então você vai criando mágoas no teu coração, vai ficando cego, vai ficando triste... aí tu começa colocar, pra poder se livrar das mágoas, tu começa a criar maldade. Não, já que eles acham que eu sou bandido, eu vou ser bandido. Então daí tu começa criar, ter uma ‘mente perculosa’, começa criar umas ideias erradas, começa a olhar a loja ali, o mercado lá, começa a estudar o que você vai fazer e ali tu começa meter ficha. Foi nessa época que eu roubava.” (entrevistado João)

Os conteúdos originários das relações sociais vividas pelo indivíduo tornam-se referências que passam a ser apropriadas intrapsiquicamente. Mesmo que esses conceitos não sejam aceitos pelo indivíduo, seus conteúdos dão sentido a vivências e interferem na construção de sua identidade (MATTOS & FERREIRA, 2004). Pode-se afirmar que a identidade reflete a estrutura social, ao mesmo tempo que reage sobre esta, conservando-a ou transformando-a (CIAMPA, 2012).

Foi possível observar que os moradores de rua são cada vez mais impulsionados para a exclusão social, pois o estigma da marginalidade intensifica a segregação. Tais sujeitos passam a ser vistos a partir de representações sociais pejorativas, incluindo a de criminosos. Frente a essa situação, o morador de rua acaba personificando todas as ações de caráter imoral que vão contra os valores e crenças da sociedade (ALMEIDA, 2011).

“Tem que ter fé e tem que buscar. Se não busca essa paciência de Deus, tu não... nunca vai sai do lugar. Tu vai quere só usar droga, rouba... o que tiver de maldade. Pra tu conseguir dinheiro fácil, tu faz, sabe? Mas daí eu comecei isolar isso geralmente dos morador de rua... eu só converso aqui, Na rua eu sou um cara tranquilo, sozinho, não sou de tá...” (entrevistado João)

Um sujeito no convívio com outros constrói a consciência da realidade física e social como também a identidade de si como sujeito, individualizando-se na medida em que se diferencia dos outros sujeitos (LAGO, 1996, apud MAHEIRIE, 2002). Assim, o processo de construção da identidade é realizado neste cenário de múltiplas singularidades que se entrecruzam, produzindo a representação de si e a dos outros na mesma medida em que é construída pela identidade, sendo, por isso, produto e produtor, simultaneamente (MAHEIRIE, 2002).

Os moradores de rua acabam por reproduzir uma visão, imposta pelas representações sociais a eles destinadas, de sujeitos incapazes, promovendo uma diferenciação dessas pessoas do resto da humanidade. Tal modo faz com que qualquer possibilidade de construção de identidade obrigue o sujeito a negar tudo o que se refere a essa imagem, incluindo segregar-se do grupo ao qual já pertenceu.

O homem só se individualiza por meio da relação com outros homens. A forma como o indivíduo percebe e representa a realidade possibilita a construção e a atribuição de significado às suas apropriações e objetivações, produzindo, a partir das relações sociais, sentidos. Sua identidade é construção da relação entre o particular o coletivo (SILVA, 2009).

### **O bêbedo e “drogado”**

“Eu deito ali, tomo, fumo cigarro, fumo droga... o que aparecer... Daí eu estou ali né?” (entrevistado Leandro).

As representações sociais não são apropriadas e reproduzidas apenas pelo discurso, mas também pelo comportamento. Moscovic (1984, apud ALMEIDA, 2011) define representação como uma “preparação para a ação”, não somente porque guia o comportamento, mas, por reorganizá-lo e constituir a forma com que este se manifesta. Possibilita a criação de um sentido/significado a esse comportamento, conseguindo integrá-lo num contexto e o concede fundamento.

“Na rua também todo mundo me conhece e me gritam lá do outro lado da rua: Oh, tio Pedro, venha cá com nós. Daí já passa pro outro lado: venha toma um gole aí, tio Pedro. Sabe na rua como é que é, né?” (entrevistado Pedro).

O uso de substâncias como álcool e drogas funciona como um mecanismo de socialização, em algumas situações. Ele favorece encontros coletivos, possibilitando a integração dos sujeitos nesses grupos e estreitamento de “vínculos afetivos”, mesmo que de forma passageira, com os que se encontram na mesma situação.

“Aí eu me sinto cada vez mais rebaixado porque eu, quando eu tô consciente e forte, eu quero trabalhar, fazer alguma coisa pra melhorar, mas quando o cara pega muito dinheiro, o cara/ sei lá o que dá até mesmo da gente já começa alcoolizar e sou dependente químico. O cara aprende isso na rua... daí fica tudo mais difícil... Daí você fica assim, nessa situação: ou bêbado ou drogado. Daí já perde o serviço, já começa tudo dar pra traz e você se vê novamente na rua. Então pode dizer que a rua está sendo minha casa, ultimamente.” (entrevistado Anderson).

Para Tap (1985, apud SANTOS, 2000), o sujeito encontra seu lugar na sociedade apropriando-se da cultura e das representações sociais apresentadas pelo outro. Assim, a identidade é construída a partir das relações sociais, à medida que o sujeito internaliza regras, valores, normas e cultura da sociedade a qual pertence.

Que na rua a gente só encontra os amigos só quando tem dinheiro pra tomar cachaça. Daí tem amigo. Dali daqui a pouco a gente fica na pior, daí não tem nenhum amigo, mais toda vida foi assim, né? (entrevistado Pedro).

Do mesmo modo, Ciampa (1990, apud MATTOS & FERREIRA, 2004) afirma que nossa identidade é criada a partir da interiorização de conceitos recebidos por outros durante nossas interações, os quais são apropriados por representações sociais. Ainda segundo o mesmo autor (CIAMPA, 2012), o conhecimento dessa identidade é dado a partir do conhecimento do indivíduo através do grupo social que ele está inserido.

### **O sujo e fedorento**

“Como é que eu me sinto? ... Aí... Eu vou te dizer, eu me sinto assim, um... Eu me sinto com nojo até de mim mesmo... Eu me sinto com nojo até de mim mesmo porque tem hora assim que dá nojo de si, entendeu? Por tá ali, por tá que nem eu te falei, fedendo, tá ali sem come, tá ali... Nossa! É complicado, entendeu?” (entrevistado Leandro).

Magni (1994, apud MATTOS & FERREIRA, 2004, p. 50) chama a atenção para o estereótipo do morador de rua como uma pessoa suja:

roupa esfarrapada, pele encardida com dermatoses, às vezes abrindo em feridas, corpo marcado por cicatrizes; unhas das mãos e dos pés enegrecidas, compridas e, por vezes, deformadas; dentes em parte caídos, em parte cariados; cabelos ensebados, olhos congestionados, etc.

Tal descrição já está associada à figura do morador de rua mesmo que a maioria não apresente tais atributos. Assim como a identidade social de perigoso, a de sujo e fedorento é difundida através da mídia. A grande maioria das imagens utilizadas para ilustrar o morador de rua traz em si essa representação, são utilizadas inclusive em materiais destinados a estes sujeitos e a políticas de proteção.

Essa representação social é ainda atrelada a discursos higienistas que rotulam e propagam o estigma de que esses sujeitos estão associados à sujeira e à aparência sórdida (MATTOS & FERREIRA, 2004). Fragella (2005) aponta que a justificativa para tais discursos sempre está pautado

no mau cheiro dos mendigos, o incômodo visual de sua presença, ou como sendo uma ameaça ao patrimônio público e à higiene dos pontos turísticos.

O discurso higienista pode ser identificado nos mecanismos de interferência no cotidiano do morador de rua como o fechamento de banheiros públicos para essas pessoas, interdição das praças e vias para passar a noite, conjunção de procedimentos arquitetônicos (arquitetura antimendigo) a fim de expulsar esses sujeitos, bem como as medidas policiais de deslocamento desses habitantes (DE CERTEAU, 1994, apud FRAGELLA, 2005).

### **O não humano e não cidadão**

“Ah, hoje... Hoje eu ainda não sei o que eu sou, mas mais daqui a uns meses eu vou voltar a ser um ser humano.” (entrevistado Leandro).

A organização social e econômica atual encaminha o morador de rua, no momento que é inserido nessa categoria, à formação de uma nova identidade: a de mendigo socialmente estigmatizado e deteriorado. Interiorizando um discurso de desumanização, as pessoas em situação de rua acabam por se sentirem não completamente humanos (DI FLORA 1987, apud MATTOS & FERREIRA, 2004).

“... Eu sou meio tímido assim se for pra falar sério eu falo, converso... Sou morador de rua, vou falar com outra pessoa... Não estou querendo dizer nem a menos nem a mais... Como você, exemplo, como vou dizer... Uma pessoa que nem você, um morador de rua e uma pessoa que tem família, entendeu?” (entrevistado Roberto).

Esse discurso transmite a internalização, por parte de seu locutor, de uma imagem desqualificada, reiterada pelo estigma com que são tratados pela sociedade, o que pode direcioná-los ao isolamento, em alguns casos. Como destaca Paugam (1999, apud PRATES, 2011, p. 198), “a desqualificação social, uma das faces do processo de exclusão, é humilhante e interfere na qualidade de relações, incitando o fechamento do sujeito sobre si mesmo e a perda de referências”.

O não reconhecimento das situações que o morador de rua está inserido, como a questão de o alcoolismo ser uma doença que necessita ser tratada ou, ainda, que o desemprego não é uma consequência da incompetência pessoal, mas de uma questão social, decorre de fatores da própria organização civil. Tal situação faz com que a autoculpabilização, expressa na fala de todos os entrevistados, amplie a baixa autoestima, o sentimento de fracasso e o de ser inferior a outras pessoas (PRATES, 2011).

Percebe-se, ainda que esse pensamento coletivo é pautado no sistema capitalista e na acumulação de bens e riqueza:

“Não porque eu vivo que nem um animal da rua não tem nada, não sou nada, não tenho nem... Não tenho nem... Eu estou criando, como é que eu posso te dizer, eu estou criando ideia agora/ eu nem comecei a trabalhar, mas eu estou criando ideia agora... Eu estou pensando lá na frente, mas... Estou pensando que tudo vai dar certo... Mas eu mesmo, por enquanto, não sou nada, sou um... Sou um zé ninguém, ainda... Sou um ser humano, claro! Tenho nome, tenho identidade, mas eu não me considero como uma pessoa que nem você, que nem ele (aponta pela janela), que nem um cidadão que trabalha, chega em casa, tem

sua família... isso eu não posso considerar ainda, então... É isso...” (entrevistado Leandro).

O conceito identidade nos permite compreender os indivíduos, grupos ou sociedades, localizá-los no tempo e no espaço, identificando-os, mesmo que esses estejam em constante mudança. Ao mesmo tempo, identidade também pode ser utilizada como defesa em relação àquilo que não é conhecido. Ainda traz consigo um paradoxo: ao mesmo tempo que define algo como isso ou aquilo, compreende a multiplicidade de possibilidades de ser (MAHEIRIE, 2002).

“Hoje? Eu estou pensando a voltar a estudar, fazer um curso pra mim, assim, não sei se vão aceitar, porque tem muitas coisas, hoje em dia, a sociedade não aceita... A é só se descobrir, por exemplo, estou estudando num colégio particular por causa que tem um no centro que ajuda, só que se muitas pessoas descobri: ó, aquele mora na rua, que... que vão me dizer: o cara não tem como ter o convívio com as pessoas... Eu mesmo não tenho esse convívio com as pessoas assim...” (entrevistado Roberto).

Explorando o processo de identificação do sujeito através da sua identidade, verifica-se que, além da interiorização das representações sociais, “a totalidade concreta das relações sociais também rege a reposição da identidade impregnada destas tipificações” (BERGER e LUCKMANN, 1985, apud MATTOS E FERREIRA, 2004 p. 54). Em muitas situações, embora o morador de rua busque alternativas para alterar sua identidade, os valores pejorativos dessas representações permeiam suas relações sociais e impedem-no de fazê-lo. Diante disso, compreende-se que, frente ao estigma, o sujeito muitas vezes não tem defesa com a identidade que lhe é dada, tornando-se prisioneiro da realidade objetiva de sua sociedade.

## **Considerações finais**

A identidade do morador de rua está contaminada pelas representações sociais, refletindo o fato que essa representação, na maioria dos casos, é a única referência disponível para ele se constituir enquanto ser. “A construção desta subjetividade do morador de rua não é homogênea. (...) Esta identidade não nasce de um sujeito metafísico ou sociológico, mas de um sujeito múltiplo, deslocado, que pode assumir diferentes papéis como se fosse um ator” (GOMES FILHO, 2012, p.14).

Em todos os discursos dos entrevistados neste estudo, o equipamento de atendimento destinado a essa população é visto como de grande importância, sendo essencial para esses sujeitos desapropriarem-se da identidade social que lhes é atribuída e pensarem em novas possibilidades de se constituírem como seres humanos e cidadãos.

Os serviços ofertados ainda auxiliam na diminuição do consumo de drogas lícitas e ilícitas e na facilidade de manter sua higiene pessoal o que, na rua, é um desafio. A ocupação, através da arteterapia ou das atividades laborais é destacada, ainda, pelos entrevistados, sendo provavelmente os pontos mais segregatórios de todas as representações sociais direcionadas a essa população.

Porém, ao criar as políticas destinadas a esses sujeitos, faz-se necessário trocar as lentes com as quais estamos olhando para eles, já que são, muitas vezes, pautadas nessas representações sociais cristalizadas na sociedade e repletas de preconceito. Elas viabilizam a “inclusão” na sociedade, mas, ao mesmo tempo, produzem a segregação entre eles e os outros que não estão inseridos no programa.

Por séculos as representações sociais pejorativas são difundidas e associadas à figura do morador de rua, sendo criadas por meio de juízos de valor para classificar e designar um sujeito que está fora do “modelo ideal”, mas dentro do sistema econômico e social. Faz-se necessário, como sociedade em geral, refletir a respeito desses sujeitos, porém não concebendo-os como “coitadinhos”, perigosos ou vagabundos, mas pautada numa visão humanizada para, assim, superar tais preconceitos e ir ao encontro da perspectiva da conquista dos direitos sociais já reconhecidos por lei.

## Referências

- ALMEIDA, A. C. **Morador de rua:** da questão social para a questão midiática. Belém: Puçá- Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia, v. 1, n1. pp. 77-102, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/puca/article/view/95/92>. Acesso em: 28 out. 2015.
- ANDRADE, M. A. A. A Identidade como Representação e a Representação como Identidade. In: MORREIRA, A. S. P. (Org.). **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. pp. 141- 150.
- BRASIL**. Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília: MDS, 2008a. Disponível em: <http://mds.gov.br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/assistencia-social/pse-protacao-social-especial/centro-pop/populacao-de-rua-institucional>. Acesso em: 19 out. 2015.
- BRASIL**. Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm). Acesso em: 20 fev. 202
- BRASIL**. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Bioética. V. 4. Nº2, pp. 15-25. Suplemento, 1996.
- BRASIL**. Secretaria Nacional de Renda e Cidadania e Secretaria Nacional de Assistência Social. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro Pop SUAS e População em Situação de Rua. Volume 3. Brasília: Gráfica e Editora Brasil LTDA, 2011. Disponível em: [http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Cadernos/orientacoes\\_centro\\_pop.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes_centro_pop.pdf). Acesso em: 14 nov. 2015.
- CARNEIRO, N. J. **Serviços de Saúde e População de Rua:** Contribuição para um debate. SÃO PAULO: [S.N.], 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12901998000200005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12901998000200005&script=sci_arttext). Acesso em: 28 out. 2015.
- CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S.T.M.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2012. pp.58-75.
- COMPARATO, F. K. **Capitalismo:** civilização e poder. São Paulo: Estud. av., v. 25, n. 72, pp. 251-276, Aug. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142011000200020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000200020&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 12 nov. 2015.
- COREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. **Pesquisa Qualitativa:** análise de discurso versus análise de conteúdo. Florianópolis: Texto Contexto Enferm, 15(4): 679-84, Out-Dez 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>. Acesso em: 18 dez. 2015.
- DELFAUD, P. **As Teorias Econômicas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

- DOHMS, K. M. **Níveis de Mal/Bem-Estar Docente, de Autoimagem e Autoestima e de Autorrealização de Docentes de uma Escola Tradicional de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3694/1/434468.pdf>. Acesso em: 01 out. 2015.
- DUARTE, R. **Pesquisa Qualitativa**: reflexões sobre o trabalho de campo. Rio de Janeiro: Cadernos de Pesquisa, n. 115, pp. 139-154, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115>. Acesso em: 14 nov. 2015.
- FIGUEREDO, J.G. **Desigualdade Social e Capitalismo**: os limites da igualdade sob a ordem burguesa. Maranhão: [s.n.], 2013. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo4-desigualdadessociaisepoliticaspUBLICAS/desigualdadesocialecapitalismo-oslimitesdaigualdadesobaordemburguesa.pdf>. Acesso em: 25 out. 2015.
- FRAGELLA, S. M. **Moradores de rua na cidade de São Paulo**: vulnerabilidade e resistência corporal ante as intervenções urbanas. São Paulo: cadernos MetrÓpole, n. 13, pp. 199-228, 1º sem. 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8804>. Acesso em: 25 out. 2015
- FRANCISCO, W. C. E. **População em situação de rua**. Brasil Escola. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/brasil/populacao-situacao-rua.htm>. Acesso em: 28 out. 2015.
- GHIRARDI, M. I. G. **Vida na rua e cooperativismo**: transitando pela produção de valores. São Paulo, SP: Interface- Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.18, pp. 601-10, set/dez 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832005000300014&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832005000300014&script=sci_arttext). Acesso em: 27 out. 2015.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOLDENSTEIN, G. T. **Trabalho e dominação no capitalismo monopolista**: um esboço de sistematização. Rio de Janeiro: Rev. Adm. Emp., v.26, n.4, pp. 5-17, out/dez 1986. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75901986000400001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75901986000400001&script=sci_arttext). Acesso em: 25 ago. 2015.
- GOMES- FILHO, J. Identidade, discurso e poder do morador de rua: a construção de uma utopia através do jornal “Aurora da rua”. In: Encontro em Análise do Discurso: fundamentos epistemológicos e abordagens metodológicas. Anais do Evento **IV Encontro em Análise do Discurso**. Araraquara, 2013 (Brasil). – Documento eletrônico. - Araraquara: FCL - UNESP, 2013. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/StrictoSensu/LinguisticaeLinguaPortuguesa/anais-iv-ead.pdf>. Acesso em: 25 set. 2015.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em Psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- MARTINS, M. P. **Como os moradores de rua percebem a si mesmos?** Juiz de Fora:[s.n.] 2006. Disponível em: [http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2006/moradores\\_de\\_rua\\_percebem.pdf](http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2006/moradores_de_rua_percebem.pdf). Acesso em: 16 out. 2015.
- MAHEIRIE, K. **Constituição do Sujeito, Subjetividade e Identidade**. São Paulo: Interações, v. 7, n. 13, p. 31-44, jan-jun 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2015.
- MATTOS, R. M & FERREIRA, R. F. **Quem vocês pensam que (elas) são?** Representações sobre as pessoas em situação de rua. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822004000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822004000200007&script=sci_arttext). Acesso em: 29 set. 2015.

- MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**: uma pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MINAYO, M. C. de S. (org.); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MICHEL, M.H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.
- MOLLO, K.G. **Universalidade e particularidade de Campinas no atendimento socioassistencial às crianças e adolescentes em situação de rua**: entre assistência e repressão. Piracicaba, SP: [s.n.], 2013. Disponível em: [http://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/17092013\\_145218\\_karina.pdf](http://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/17092013_145218_karina.pdf). Acesso em: 02 nov. 2015.
- NOGUEIRA-MARTINS, M.C.F. **Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde**. São Paulo: Saúde e Sociedade v.13, n.3, pp.44-57, set-dez 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n3/06.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2015.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- PRATES, J. C.; PRATES F. C.; MACHADO, S. **Populações em situação de rua**: os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento. Brasília: Temporalis, 2011. n.22, p.191-215, jul./dez. 2011. Disponível em: [dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4054460.pdf](http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4054460.pdf). Acesso em: 02 out. 2015.
- PEREIRA, V. S. **Expressões da questão social no brasil e população de rua**: notas para uma reflexão. Juiz de Fora: Libertas, v.4, n.1, p. 179 - 205, jul-dez / 2009. Disponível em: <http://libertas.ufjf.emnuvens.com.br/libertas/article/view/1859/1308>. Acesso em: 30 out. 2015.
- SANTOS, M. F. S. Representação social e identidade. In: MORREIRA, A. S. P. (org). **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000.
- STREY, M.N. *et al.* **Psicologia Social Contemporânea**: livro-texto. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- SILVA, F. G. **Subjetividade, Individualidade, Personalidade e Identidade**: Concepções a Partir da Psicologia Histórico-cultural. São Paulo: Psic. da Ed.,2009, pp. 169-195. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752009000100010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010). Acesso em: 01 nov. 2015.
- SCHUCH, P. *et al.* **A Rua em Movimento**: debates acerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre. Belo Horizonte/MG: Didática Editora do Brasil, 2012. Disponível em: [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/fasc/usu\\_doc/a\\_Rua\\_em\\_movimento.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/fasc/usu_doc/a_Rua_em_movimento.pdf). Acesso em: 20 out. 2015.